

Música na inclusão: Instrumento de formação humana e musical

Comunicação

Scarlat Suiti
Universidade Estadual de Maringá
skarlatsbs@gmail.com

Resumo: O objetivo deste texto é relatar a experiência da primeira ida a campo para coleta de dados para pesquisa, com a finalidade do desenvolvimento de trabalho de conclusão de curso, sendo este Licenciatura em Educação Musical da Universidade Estadual de Maringá. Esta pesquisa se deu no conservatório Municipal de Guarulhos – SP, nos dias 06 e 07 de abril de 2017, há observação e participação nas aulas de Música ministradas pelo Professor Fábio Bonvenuto, em projeto de inclusão oferecido para alunos com deficiências na instituição. Aqui relato que ir a campo com o objetivo de coletar dados para pesquisa acadêmica, me proporcionou usufruir de uma rica experiência que me deu norte para diversas reflexões e desmitificações para minha carreira enquanto docente. Assim dentre os aprendizados, de cunho profissional e pessoal está, a reflexão da importância e valia do professor enquanto agente na formação humana de seus alunos mesmo se tratando de um trabalho de inclusão sem perder em vista o uso da música enquanto linguagem e não apenas como recurso.

Palavras chave: Música na inclusão, aulas de música para surdos, pesquisa de campo.

Introdução

Este texto tem como objetivo desenvolver um relato sobre a experiência e os primeiros achados da minha ida a campo para coleta de dados para o trabalho de conclusão do curso (TCC) de licenciatura em Educação Musical da Universidade Estadual de Maringá. O TCC¹ tem como meta investigar como os jovens surdos, estudantes de música, se relacionam com a prática musical, e qual o sentido da música para eles. Para isso, tomei como campo de pesquisa as ações coordenadas pelo Prof. Fábio Bonvenuto, que atende alunos com diferentes graus de surdez e de cegueira na cidade de Guarulhos – SP.

¹ O TCC está sendo orientado pela Prof.^a Dr.^a Vania Malagutti Fialho.

Prof. Fábio idealizou e coordena dois projetos: o núcleo de inclusão do Conservatório Municipal de Guarulhos e a Banda Música do Silêncio com Surdos e Ouvintes, realizado com alunos das Escolas Municipais Madre Lucie Bray e Marechal Rondon². O Conservatório, fundado em 1963³, conta com aulas individuais e coletivas de diferentes instrumentos (populares e de orquestra) além de manter 20 grupos musicais, dentre os quais está a Banda Música do Silêncio, que integra os alunos de inclusão.

Minha estada em Guarulhos, no início de 2017, permitiu assistir dois dias de aula do prof. Fábio, nos quais ele atendeu alunos com deficiência visual, deficiência auditiva e com transtorno/espectro autista. Também tive a oportunidade de assistir a uma apresentação da Banda Musica do Silêncio.

Meu interesse pelo campo de pesquisa nasceu no decorrer do ano letivo de 2016, ao ter uma experiência de estágio supervisionado com surdos no Colégio Bilíngue para Surdos de Maringá-Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio na modalidade Educação Especial. No estágio a meta foi desenvolver um trabalho de educação musical a partir de outras maneiras de ouvir/sentir música sem o uso da audição. Neste sentido, propus atividades que permitissem que os alunos sentissem a música a partir de experiências práticas com instrumentos musicais tendo como base a vibração e não o som audível. Em publicações anteriores também fiz alusão ao tema com os trabalhos “Para além do som: Relato de uma experiência pedagógico-musical com surdos” (Suiti, 2016) e “Surdez e educação musical: um caminho possível!” (Suiti, 2016).

Nas buscas de fundamentação e modelos de trabalho com surdos, encontrei os projetos do prof. Fábio Bonvenuto, que se mostrou solícito em contribuir para com meu estágio e mais tarde, para com minha pesquisa – que surgiu devido ao meu envolvimento com o campo de estágio.

² Banda Música do Silêncio é um projeto de inclusão social coordenado pelo Maestro e Professor Fábio Bonvenuto, composta por alunos surdos e ouvintes, tendo início em 2005, na cidade de Guarulhos, na Grande São Paulo. <http://bandamusicadosilencio.blogspot.com.br>

³ Conservatório Municipal de Guarulhos oferece cursos de música gratuitamente à comunidade, tanto para iniciantes quanto para aqueles que já possuem algum conhecimento musical. A iniciativa se estende para pessoas com necessidade especiais, com o projeto “Música do Silêncio” que disponibiliza oficinas de percussão para deficientes auditivos, e com o projeto “Musicografia Braille” para deficientes visuais. <http://www.guarulhos.sp.gov.br/conservatorio/index.html>

Ida ao campo

Ao desenvolver o projeto de pesquisa para o TCC, defini os objetivos e como já mencionado, tomei as ações do prof. Fábio Bonvenuto como campo de pesquisa para um estudo de caso. Estas decisões me colocaram frente à ida ao campo. Para isso, entrei em contato com prof. Fábio Bonvenuto e acordamos uma data para minha ida à Guarulhos, com o objetivo de conhecer seus projetos.

Importante mencionar que as duas semanas que antecederam à viagem foram ocupadas com a organização logística da viagem (passagens, hospedagem, agenda) e especialmente com a preparação da minha postura e imersão em campo como pesquisadora. Isso requeria desde a revisão dos roteiros de entrevistas para o prof. Fábio e para os alunos, o roteiro de observações, a atualização de leituras que pudessem me deixar mais segura, à preparação *mental*, em que eu mentalizava o campo e minha estada nele. Foram dias intensos em que estive várias vezes em contato com minha orientadora e trocas de mensagens com ela e com o prof. Fábio. Segundo José Filho (2006, p.64) “o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”. A tentativa de conhecer qualquer fenômeno constituinte dessa realidade que ainda segundo José Filho “é interpretada a partir de um embasamento teórico, sem a pretensão de desvendar integralmente o real e possui um caminho metodológico a percorrer com instrumentos cientificamente apropriados”. (José Filho, 2006, p.65).

No campo

Minha chegada ao campo foi marcada pelo acolhimento do prof. Fabio. Ele foi muito atencioso e me explicou que todos os alunos e a instituição estavam envolvidos na organização de uma apresentação de alunos do conservatório para familiares e comunidade, que marcaria a inauguração do espaço que o conservatório estava ocupando (o Conservatório mudara de prédio há dois meses).

Esta apresentação musical, segundo ele, iria inviabilizar as entrevistas. Porém, permitiria observações de um processo intenso e rico do envolvimento dos alunos e do professor na preparação do evento. Como prof. Fábio estava bastante ocupado, me apresentou

a varias pessoas do conservatório e me deixou à vontade para assistir às aulas dos alunos e acompanhar toda a dinâmica que antecederia à apresentação. Neste contexto assisti às aulas do prof. Fábio e me impressionei com a forma como o professor passava atividades musicais independente da deficiência ou síndrome. Foram exercícios de solfejo, de ritmo, melódicos no teclado, na bateria e na clarineta. O diferencial metodológico esteve calcado na forma como o professor olhava para o aluno e buscava uma maneira de fazê-lo desenvolver a atividade musical, independente de sua limitação.

Percebi que ao olhar o aluno, o foco se desvia da sua limitação e se firma na sua potencialidade, fazendo com que se vislumbre a possibilidade concreta da aprendizagem musical. Isso me fazia refletir sobre a importância da formação humana do professor de música e do seu conhecimento do outro e de si mesmo, sem perder de vista a música enquanto uma área de conhecimento.

Entre uma aula e outra circulei pelos corredores do conservatório e conversei com professores e alunos da instituição. Nestas andanças pelo prédio, entendi que primeiro os alunos têm aulas de teoria musical por meio do Braille (alunos com deficiência visual) e Libras (alunos com deficiência auditiva) ⁴ com o prof. Fábio, e na sequência, após o domínio de uma linguagem musical, são encaminhados aos instrumentos musicais com o prof. Fabio e outros professores da instituição.

Ao mesmo tempo em que acompanhava a rotina de aulas e ensaios do conservatório, também me preocupava com a realização das entrevistas. Ao me dar conta de que não teria um tempo definido para elas, decidi pedir autorização aos responsáveis pelos alunos e comecei a gravar todas as conversas informais – porém valiosas – que estava tendo com os alunos, pais e também professores. Fiz uso do gravador do celular, e para garantir que não perderia os arquivos, imediatamente os enviava pelo aplicativo WattssApp, para minha irmã.

⁴ Braille: O sistema de leitura tátil para cegos, conhecido como Braille, surgiu na França em 1825, sendo o seu criador o francês Louis Braille que ficou cego, aos três anos de idade vítima de um acidente seguido de oftalmia. Este sistema consta do arranjo de seis pontos em relevo, dispostos na vertical em duas colunas de três pontos cada. Os seis pontos formam o que se convencionou chamar "cela braille", Libras: Sigla da Língua Brasileira de Sinais. As línguas de sinais (LS) são as línguas naturais das comunidades surdas. Fontes: <https://escritadesinais.wordpress.com/>; <http://www.apadev.org.br/pages/workshop/Osistemabraile.pdf> .

Dados desta primeira experiência em campo

A primeira aula em que estive foi de uma aluna surda que toca teclado e esta no projeto há 6 anos. Esta faz uso de leitura labial e Libras assim me entendendo muito bem, mas eu pouco a compreendi, conversando assim, mais na presença de sua mãe, que foi muito atenciosa e ficou animada com minha pesquisa. Então mãe e filha me contaram assim que “não perdemos uma aula do professor Fabio desde que entrou no projeto e tocar teclado fez com que suas sobrinhas aprendessem também para acompanhá-la”.

Envolvimento das sobrinhas com a música, influenciado a partir da prática musical da tia, pelos aspectos positivos que a mesma sempre apresentou a família, em relação ao seu fazer musical.

Outra aula que acompanhei foi de um aluno deficiente visual, que aqui vou chamar de Aluno 1, que estuda a clarineta. Fiquei encantada com o seu olhar sobre a prática musical.

A música pra mim é um sonho... E quero poder, um dia, ensinar outras pessoas. Eu quero estar estudando, por exemplo, a pedagogia, mas antes disso, quero fazer outro curso. Quero aprender música pra trabalhar o BRAILLE e a tecnologia, para levar para as crianças deficientes visuais o que eu demorei muito pra ter. Eu tive um atraso e quero contribuir pra outras crianças não terem. (Aluno 1)

Ele continua contando que está no conservatório “pra aprender música”. Para ele música é “passatempo, arte e alegria” e conhecimento. Ele quer “entender música”. Porque música “é assim: tem gente que acha que é só escutar, mas não é. Você precisa entender ela. E tenho isso na minha cabeça: aprender a entender a música e um dia demonstrar a arte que tá aprendendo”.

Ele que está no projeto há um ano, perdeu a visão há algum tempo, e antes de entrar no projeto, quando ainda enxergava, ele participou de aulas de música na igreja:

na igreja tem orquestra, quando enxergava até estudei na escolinha da igreja, mas eu não consegui compreender, não tinha acessibilidade para mim. Agora aqui eu vou aprender a clarineta e depois outros instrumentos mais para frente. E o professor ele é uma ótima pessoa pelo trabalho que ele está desenvolvendo. Até ia falar que agora ele tá me ensinando a técnica vocal para que eu consiga identificar a afinação dos instrumentos, que a gente tem a audição aguçada, mais ainda tenho dificuldade. (Aluno 1).

A uma prática musical profícua, emergiu do aluno 1, sonhos e objetivos, deste mesmo aluno que em sua primeira experiência musical não contou com agentes que auxiliassem para essa prática hoje deseja buscar por meios que ajude outros D.V a terem mais oportunidades que ele.

Nesta estada em Guarulhos também acompanhei a aula de dois autistas, e o que me chamou muito atenção foram os relatos das mães que afirmaram que chegaram ao projeto porque varias pesquisas afirmam sobre a importância da música para o desenvolvimento do autista. A mãe de um aluno autista afirmou que o filho está na escola há 1 ano e 3 meses “somos muito bem acolhidos no conservatório, houve melhora dele na escola, na vida social, ficou mais confiante, seguro, mais calmo, e estuda muito em casa”.

Observei ainda as aulas de bateria de um deficiente auditiva, que possui implante coclear⁵ e se comunica por LIBRAS e leitura labial. Ele relatou que gosta muito do instrumento que tem a intenção de tocar com outras pessoas. Segundo a mãe, após o implante o filho ouve música em volume alto e “curte muito”. Ela relata que o prof. Fabio passa uma segurança ao filho e a ela, de modo que é o único local em que ela permite que o filho fique sem sua presença: “nós adoramos o projeto eu nunca o deixava sozinho e aqui eu o deixo, ele adora”. Conta ainda que o filho já esta “tocando algumas coisas”. E continua: “essas crianças são diferente mesmo eles querem aprender, e levam a sério mesmo. Eu já acho que ele já se imagina tocando pra uma multidão, e a gente pensa: “como pode uma criança que não houve ter essa vontade, né?””.

A música é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social o que potencializa desejos de práticas musicais publica.

Posteriormente assisti à aula de uma deficiente visual (D.V.) que toca bateria, teclado e escaleta que está no projeto há 10 anos. Ao me apresentar a D.V ela disse que permitiria que

⁵ O implante coclear (IC) é um aparelho implantado na orelha cirurgicamente e capaz de estimular diretamente o nervo auditivo, causando sensações sonoras. O IC é usado atualmente para recuperar função auditiva nos casos de surdez sensorineural severa ou profunda, quando os aparelhos auditivos, não podem ajudar o suficiente. Certamente não se trata de uma audição normal (distinguir entre as vozes de diferentes pessoas, por exemplo, é muito difícil para o implantado), mas nas crianças nascidas surdas e implantadas até os 3 anos, o IC com o acompanhamento correto pode oferecer a oportunidade do aprendizado da comunicação oral adequada. Fonte: <http://www.implantecoclear.net/>; <https://portalotorrino.com.br>

assistisse a sua aula desde que á deixasse me ensinar a tocar bateria. Depois de concordar com a negociação, ela tentou me ensinar as cinco primeiras variações que ela aprendeu quando iniciou o estudo do instrumento. Porém, não consegui passar da terceira, da qual ela tinha total domínio para executar e me ensinar passo a passo. Após a aula, ela tocou teclado para que eu a ouvisse e a acompanhasse, cantando. Conversamos pouco, mas tivemos uma vivência intensa.

Considerações finais

Nesta ida a campo, tive pouco tempo com prof. Fabio, assim não me preocupei em seguir o roteiro de entrevista e/ou, mas entender a dinâmica do trabalho ali desenvolvido e algumas especificidades dos alunos.

No comportamento dos alunos tanto do conservatório quanto da banda, responsáveis e instituição o carinho pelo professor Fabio e seu trabalho. O papel que este desempenha na vida de cada um, pelo envolvimento com estes a partir da sua prática pedagógica proporcionando o aprendizado musical destes alunos. Fazendo se para mim de fundamental a relação de respeito entre todos.

A música pode contribuir para formação global do aluno, desenvolvendo a capacidade de se expressar através de uma linguagem não verbal, os sentimentos, emoções a sensibilidade o intelecto o corpo e a personalidade. Nesse sentido os dados que obtive nesta primeira ida a campo. A música enquanto linguagem e suas possibilidades. Pois a partir de uma vivencia musical, todos os alunos e envolvidos com estes tiveram influencias positivas. Alunos com motivos para serem frustrados ou não terem autoestima, relatando e se sentido capazes de muito mais do que por vezes os é dado por suas especificidades.

Assim a vivencia musical para esses jovens teve função de auxiliar na formação integral desses alunos, que assim se desenvolvem técnico e musicalmente, mas também social e psicologicamente com resultados positivos em todas as perspectivas sociais.

Após a ida a campo e coleta de dados, além das leituras de referencias sobre o tema, reflito o quão importante é a ida a campo, que proporciona uma visão mais próxima da realidade do que se pesquisa sendo uma vivencia, a qual me permitiu não ter duvidas sobre capacidade de alunos de inclusão em conquistarem práticas musicais profícuas e no valor da

música enquanto linguagem para estes. Nesse sentido enquanto pesquisadores e/ou professores da área de música, devemos contribuir para que essas execuções se deem, de forma que seja em práticas ou na elaboração de materiais para auxiliar a outros a trabalharem nesse contexto.

REFERENCIAS

JOSÉ, FILHO, Pe. M. Pesquisa: contornos no processo educativo. In: JOSÉ FILHO, Pe. M; DALBÉRIO, O. Desafios da pesquisa. Franca: UNESP - FHDSS, p.63-75, 2006.

SUITI, Scarlat. Para além do som: Relato de uma experiência pedagógico-musical com surdos. XVII Encontro Regional - ABEM sul, Curitiba-PR 2016.

SUITI, Scarlat. Surdez e educação musical: Um caminho possível! Fórum de Práticas de Ensino de Música. Maringá- PR 2016.